



## **PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO NAPE**

<sup>1</sup>Maria Auxilene Venancio Barroso  
*Secretaria de Educação do Ceará – SEDUC-CE*  
*mariaauxilene@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho é um relato de experiência vivenciado no Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado – (NAPE) com os aprendentes dos 6º e 7º anos em uma Escola Pública Estadual de Fortaleza. Tal proposta originou-se devido à necessidade de intervenção junto a um grupo de estudantes com desempenho acadêmico abaixo da média. Além disso, são apontados como “indisciplinados”. A demanda psicopedagógica emerge do contexto educacional através dos professores e gestão da escola. No primeiro momento, objetiva coletar e analisar as informações dos estudantes para posteriormente tomar decisões que promovam mudanças na situação colocada. O embasamento teórico para dar sustentação ao trabalho e responder as questões relativas à avaliação, são baseados nos estudos de Sánchez-Cano (2008), Coll (2004), Fonseca (1995), Fernández (1991), Luckesi (1996), dentre outros. A metodologia utilizada foi pautada na escuta psicopedagógica, visando chegar às possíveis hipóteses acerca das dificuldades de aprendizagem dos estudantes. Para tanto, a abordagem parte de uma perspectiva global de avaliação que considera os contextos: familiar, social e especializado. Realizou-se uma entrevista com três educandos com um olhar na dinâmica de sala de aula e familiar, a fim de observar como se geraram as dificuldades de aprendizagem. Verificou-se que o maior desafio em torno das dificuldades dos aprendizes tem sido o tipo de avaliação aplicada nas escolas, pois não considera as múltiplas habilidades dos estudantes.

### **Palavras-chave:**

**NAPE, Avaliação Psicopedagógica, dificuldades, Aprendizagem.**

### **INTRODUÇÃO**

A avaliação enquanto instrumento de diagnóstico vinculado ao processo de ensino e aprendizagem, deve ser pensada a partir de um projeto que avalie não somente o estudante e seu conhecimento, mas todo o contexto e proposta pedagógica. Por isso, a avaliação que se propõe defender neste trabalho, é a “avaliação psicopedagógica dinâmica (APPD) sugerida por Fonseca (2009), por entender que o sujeito sofre a ação de elementos externos, como também internos e que estes são interdependentes”. Assim, uma avaliação baseada em apenas um contexto limita o processo de descobertas em relação ao objeto de estudo, que é o estudante.

Nesse sentido, a abordagem para uma avaliação psicopedagógica deve priorizar as relações do sujeito aprendente para que, através desta ação, se chegue a uma real percepção da situação avaliada. Logo, o que interessa ser avaliado é o processo e não o produto, como acontece na avaliação tradicional ou na “pedagogia do exame”, como aborda Luckesi (2008). *O que predomina*



*é a nota: não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos, são operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem.*  
(p.18)

Sanchez-Cano (2008) sugere que a avaliação psicopedagógica se desenvolve em “colaboração” com todos os participantes do processo envolvendo os estudantes, a família, a escola, outros profissionais, etc. Em se tratando da educação especial, a colaboração e participação de todos são importantes para o atendimento ao estudante. Para se ter uma compreensão acerca de como ocorrem essas interações é preciso que as pessoas envolvidas participem do processo avaliativo, requisito importante para traçar um plano de mudanças voltado para as “capacidades e potencialidades, mais do que no déficit e nas dificuldades (SÁNCHEZ-CANO, 2008).

Contudo, pode-se dizer que neste modelo de avaliação há abrangência de olhar, diferente do enfoque tradicional, que não considera os diversos agentes do contexto educacional e suas interações. Uma avaliação que prioriza a nota como um critério, coloca em risco a aprendizagem dos estudantes com deficiência ou com distúrbios na aprendizagem, deixando-os em desvantagem em relação aos demais estudantes, o que gera nestes o sentimento de fracasso.

Destá forma, a observação contextual é uma ferramenta importante, pois além de permitir uma leitura da situação investigada, contribui para a adoção de estratégias de intervenções. Confirma-se assim o pensamento de Sancho-Cano quando diz que a avaliação psicopedagógica não se limita ao estudo de uma atuação pontual, ou de algumas atuações isoladas, mas trata-se um processo que tem um começo e uma continuidade de atuações inter-relacionadas, destinadas a pesquisar e a compreender melhor o fato de ensinar e aprender.

Nessa nova perspectiva de avaliação, a aprendizagem é um processo dinâmico e interativo. Acompanhar esse processo é um desafio para a escola e atualmente mais do que nunca, as escolas necessitam se reinventar para atender a diversidade de estudantes. Dado que, nesse contexto todos são avaliadores e avaliados, ou melhor, “observador e “observados” (Fonseca, 2009). O observador nesse caso é uma pessoa mais experiente (professor) e o observado é o estudante.

É na relação entre o observador e observado, que nasce o que Vygotsky chama de “*zona de desenvolvimento proximal*” (ZDP). Ela representa o maior desafio da intervenção psicopedagógica porque o observador deverá considerar os conhecimento prévios do estudante, para por meio destes, traçar um plano de atendimento que estimule os aprendizes a participar e avançar na aprendizagem.





Quando surge o insucesso ou fracasso escolar, isto quer dizer que a criança não aprendeu o suficiente para atingir o nível desejado, daí surgem às dificuldades de aprendizagem e consequentemente a reprovação.

Dificuldade de aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático. Tais desordens, consideradas intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, podem ocorrer durante toda a vida. (Fonseca, 1987).

Corroborando com esse pensamento (SMITH, 2001) quando expressa que o “termo dificuldades de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área de desempenho acadêmico”. O referido autor alerta que “o ambiente escolar e práticas educacionais podem contribuir significativamente para os problemas de aprendizagem” (p.8).

Mediante estudo dos autores, a avaliação escolar é um processo complexo que envolve uma gama de variáveis ligadas a aprendizagem. Portanto, a abordagem a tratar neste estudo se baseia numa perspectiva sistêmica, devendo essas variáveis, serem analisadas de forma permanente, contínua e compartilhadas por todos que atuam na escola. Nesse sentido, é importante identificar os elementos que intervêm no processo de ensino e aprendizagem: o aluno, o contexto escolar (escola e sala de aula) e o contexto familiar.

A avaliação implica na relação da tríade entre quem avaliar (avaliador ou avaliadores) e quem é avaliado. O MEC (2006) aponta algumas providências que se fazem pensar no processo de avaliação na perspectiva de educação inclusiva, é pensar a necessidade de rever e atualizar os conceitos e as práticas avaliativas tradicionais, normativas, padronizadas e classificatórias, em uso nos sistemas educacionais, substituindo-as por outras mais voltadas para a dimensão política e social da avaliação.

No caso das necessidades educacionais especiais, os rumos da avaliação devem estar a serviço da implementação dos apoios necessários ao progresso e ao sucesso de todos os estudantes, bem como a melhoria das respostas educativas oferecidas no contexto educacional escolar e se possível, no familiar.



A avaliação torna-se inclusiva na medida em que permite identificar as necessidades dos estudantes, de suas famílias, das escolas e dos professores. Mas, identificá-las apenas não basta. É preciso construir propostas e tomar as providências que permitam concretamente satisfazê-las. O termo avaliação carrega em si um sentido de aferir (medir) o rendimento escolar dos estudantes, atribuindo-lhes valores que, supostamente, medem o que ele aprendeu ou não, e que o promovem ou reprovam. Luckesi critica esse tipo de avaliação quando acrescenta que a escola brasileira opera com a “verificação” e não com a “avaliação da aprendizagem”, o que precisa ser revisto em prol de uma pedagogia transformadora.

Em nossa cultura os professores possuem o hábito de atribuir notas pelo desempenho dos estudantes, como se medir fosse o mais importante no processo avaliativo, o que impede de visualizar a avaliação como um processo que norteará todo o percurso educativo servindo para a melhoria da aprendizagem.

As crianças e jovens que possuem dificuldades na aula, e que conseqüentemente sofrem rejeição e isolamento social, podem ultrapassá-las através de uma adequada instrução ou intervenção psicoeducacional. (FONSECA, P.74)

Segundo Fonseca (2008), o objetivo da avaliação psicoeducacional, deve se valer dos mais variados métodos pedagógicos e reabilitativos, subentendendo uma estreita e intrínseca relação entre o diagnóstico e a intervenção. Conforme autor, mesmo já existindo equipes multidisciplinares, os diagnósticos são muitos limitados no tocante aos métodos e estratégias de intervenção. Ainda diz que não temos equipes multidisciplinares coordenadas ao nível nacional.

Em síntese, a avaliação escolar é um processo que requer a formação permanente dos profissionais envolvidos, tanto em nível de educação como saúde, pois a pedagogia sozinha não dá conta das dificuldades de aprendizagem. A dicotomia entre os dois setores impossibilita um olhar sobre o sujeito numa perspectiva global.

### **Procedimentos Metodológicos**

O estudo foi realizado em uma escola de Fortaleza contemplada pelo Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado (NAPE) que é um espaço equipado com recursos materiais e humanos específicos, implantado e organizado no âmbito das unidades escolares, que realiza atendimento essencialmente pedagógico, através de uma equipe multiprofissional composta de Pedagogos, Assistentes Sociais, Psicólogos, Fonoaudiólogos e Terapeutas Ocupacionais.





Apresenta como principal finalidade dar suporte às escolas no processo inclusivo dos educandos com necessidades educacionais especiais ou com dificuldade de aprendizagem, através de avaliação, encaminhamento a serviços especializados e acompanhamento pedagógico. A prioridade de atendimento é para estudantes matriculados na escola pública estadual.

A avaliação psicopedagógica foi realizada com um grupo de estudantes das turmas de 6º e 7º anos cuja demanda principal apontada pelos professores e direção da escola, tratava-se da defasagem escolar e indisciplina na sala de aula.

O período de atendimento aos estudantes aconteceu durante uma semana no contra turno, onde várias atividades lúdicas foram exploradas, dentre estas, o uso do computador trabalhando temas diversos e o uso dos Objetos Educacionais. O principal objetivo da escuta psicopedagógica foi oferecer aos estudantes momentos de ludicidade, como forma de aliviar um pouco a tensão provocada pela sala de aula.

Confirma-se deste modo que uma metodologia que aborda o lúdico gera o interesse e bem-estar nos estudantes. Reforça esse pensamento um estudante, que ao dialogar sobre a sala de aula, expressa: *“Na sala de aula há muita tensão e a brincadeira, é para descontrair. Quando digo uma brincadeira, todo mundo ri e as coisas melhoram”*. A fala do estudante denota que existe algo de errado com a escola e ambiente de sala de aula. Analisar e refletir sobre estas questões são o principal objetivo deste estudo para assim realizar posteriores intervenções ou encaminhamentos a Direção e aos professores.

Definiu-se, portanto, a coleta de dados através das observações realizadas a partir da avaliação das falas dos estudantes do projeto “Mais Educação” sobre aspectos relativos à família, escola e convívio social. Os dados e os resultados deste estudo foram organizados em duas partes. A primeira etapa analisou-se a fala dos estudantes sobre temas como preconceitos, além disso, foram explorados jogos com uso do computador. Na segunda etapa, foi adotado o procedimento de entrevista com 11 estudantes, sendo que destes, foi realizada uma amostra com três estudantes.

### **Dialogando com os estudantes**

A escuta permitiu conhecer a realidade social dos aprendizes e estudar as condições de aprendizagem, observando como são construídos os vínculos afetivos na família e na escola. Analisar as falas dos estudantes identificando as variáveis que permeiam o processo de aprendizagem foi o principal objetivo desta ação.



Nos primeiros dias de intervenção aos estudantes, houve uma abertura para o diálogo onde eles puderam expressar de forma livre e confiante suas preocupações, seus interesses, seus medos, suas dúvidas e ansiedades. Além destas questões, também expressaram positividade de expectativas em relação ao futuro. Durante a entrevista com os estudantes foram analisados aspectos relativos à família, escola, sala de aula e convívio social. Eis alguns recortes das falas dos educandos em relação à convivência familiar.

**Aluno A** “Moro com minha mãe e meu padrasto. Eles brigam direto. Ele bate nela e ela nele. Logo ao nascer fui morar com uma mulher que fez um acordo com minha mãe de que cuidaria de mim até ela comprar uma casa. Quando minha mãe comprou a casa me pegou de volta. Não gostava da mãe adotiva pois batia em mim. Eu não chamava ela mãe porque ela não queria”.

**Aluno B** - “Moro com meus pais. Minha mãe é atendida pelo CAPS, toma remédio controlado”. Ela cuida dos filhos da outra mulher do meu pai”.

**Aluno C** - Meu pai morreu de beber. Eu tinha 6 anos quando meu pai faleceu. Minha mãe não era casada com ele. Ele batia na minha mãe. Meu irmão mais velho não deixava ele bater em minha mãe. Fico sozinho em casa porque meu irmão casou e minha mãe trabalha em um motel como camareira. Sinto muita falta do meu irmão.

Através da intervenção com os estudantes A, B e C foi possível observar que a dinâmica familiar das crianças revela um quadro de instabilidade emocional e de dependência. Elas se mostram inseguras e instáveis afetivamente, devido os problemas como: pais separados, violência, dependência de álcool, problemas psiquiátricos e abandono. Por conta do ambiente hostil, as crianças manifestam elevado grau de ansiedade, o que cria nestas uma fragilidade da autoconfiança, gerando a baixa auto-estima “A perda da confiança e da auto-estima talvez seja o efeito colateral mais comum de uma dificuldade de aprendizagem” (SMITH, 2001, p.75). Ressalta-se ainda que “*as crianças emocional e socialmente desajustadas tendem a obter fracos resultados escolares, na medida em que os distúrbios emocionais desintegram o comportamento e, conseqüentemente, o potencial da aprendizagem*” (FONSECA, 1995). Isso implica dizer que os problemas emocionais afetam e muito os processos psicológicos de aprendizagem.

Nesse sentido, o papel da família é de suma importância para o desenvolvimento emocional sadio e equilibrado da criança. Portanto, sua função influencia sobre a formação da personalidade de seus membros.





Ao se referir sobre ao ambiente escolar, às crianças expressaram o seguinte:

**Aluno A** - “Gosto do projeto Mais Educação. Através da escola posso no futuro arranjar um emprego. Na sala de aula alguns alunos são indisciplinados, não respeitam os professores.

**Aluno B** - “Os pais coloca agente na escola porque querem o melhor para nós, para que aprendamos e não fiquemos na rua. Meu pai disse que é para gente vir para escola porque a escola é um alimento: dá inteligência e sabedoria e com isso no futuro conseguirei trabalhar. Gostaria de no futuro seguir a carreira militar”.

**Aluno B** - Gosto muito do CAIC, as aulas são boas, os professores são bons. Gosto mais do CAIC do que a escola que estudava, lá tinha bagunça.

Os estudantes, ao se reportarem a escola, demonstram compreensão de que a indisciplina é um fator negativo e que atrapalha a aprendizagem. Por outro lado, suas perspectivas de futuro estão intrinsecamente ligadas ao pensamento de valor que os pais dão a escola, o que confirma o pensamento de Fonseca (2009) quando diz que os “pais são os primeiros educadores da criança e primeiros mediatizadores da sua aprendizagem”. Dado, que do mesmo modo, os professores também exercem uma “função primordial no desenvolvimento holístico dos estudantes” (p.105). Firma-se assim, que os valores que a família atribui aos estudos, repercutem e influenciam sobremodo a motivação extrínseca dos aprendentes.

Ao abordar sobre a da rotina de estudos e dia-a-dia na escola, as crianças demonstraram preocupação com o tempo. Apontaram como um dos motivos para a falta de tempo, o projeto “Mais Educação”, pois segundo eles, os limita por ser o dia todo não ajudando muito por não abordar os conteúdos vistos em sala de aula. Nesse momento expressaram muita preocupação com as notas e reprovação. Nesse contexto, expressaram o seguinte:

**Aluno A** - “Não tenho tempo para estudar. Estudo só quando não tenho nada para fazer”. Quando não tenho nada para fazer, faço todas as tarefas”.

**Aluno B** - “Não tenho horário para estudar porque todos os dias venho para o Mais educação”.

**Aluno C** - Não tenho tempo. Passo o dia todo na escola. Gosto de assistir filmes e ficar acordado até as 2:30 da madrugada, só que posso ser reprovado. Por isso minha mãe tirou a TV do quarto e não deixa eu ir brincar na rua. Só que ela está preocupada porque estou ganhando peso.



Conforme as falas dos estudantes se observa a falta de motivação relacionada com a aprendizagem acadêmica. Por isso, estudar para eles acaba sendo a última atividade a fazer. Estudar, deste modo, não constitui uma prioridade na vida dos estudantes.

Desde cedo, é preciso acostumar às crianças a terem hábitos de estudos. Para tanto, as famílias precisam ser orientadas para enfrentar as dificuldades dos filhos de forma construtiva.

É nessa relação que os pais se tornam *mediadores*, tendo como principal desafio, estimular a *zona de desenvolvimento proximal* do filho, ajudando-o a avançar na aprendizagem, visto que o aprendente é resultado das interações que constrói com o outro, ou seja com a sociedade no seu todo.

Segundo Fonseca (2009) A família e os professores exercem o papel fundamental no desenvolvimento dos estudantes, principalmente se forem “afetuosos e mediadores”. Por outro lado, se os pais e professores forem controladores, ocorre o contrário. Para o referido autor deve haver uma “combinação dialética” entre afetividade e disciplina para que os efeitos sejam positivos.

Fernández (1991) ao se referir as dificuldades de aprendizagem usa o termo “sintoma-problema” que segundo a autora, afetam a dinâmica de articulação entre os níveis de inteligência, o desejo, o organismo e o corpo, redundando em um aprisionamento da inteligência e da corporeidade por parte da estrutura simbólica inconsciente. Assim para entender o sintoma é necessário localizar a funcionalidade do sintoma em uma estrutura familiar e conhecer a história individual do sujeito.

É possível observar os sintomas através da manifestação do comportamento dos estudantes e nas diversas interações que realizam com outros seres humanos. Cabe o observador detectar as áreas fortes dos aprendizes e estimular cada vez mais às potencialidades usando diferentes abordagens e ambientes de ensino onde o currículo e métodos de avaliação sejam apropriados a natureza dos problemas dos estudantes (SMITH, 2001).

### **Resultados das intervenções com os Estudantes**

Durante as intervenções no NAPE, foi possível observar várias potencialidades dos estudantes (como a capacidade de construir o vínculo afetivo), pois mesmo diante da falta de motivação pelas atividades acadêmicas, as crianças expressaram interesse pela escola e por alguns professores. Inclusive, mesmo sendo apontada pela direção da escola a queixa de baixo desempenho na matemática e em língua portuguesa, os estudantes demonstraram ter muito carinho pelo





professor de matemática afirmando que o mesmo tinha o hábito de conversar e que sua aula era animada.

Ao trabalhar os textos sobre preconceito, dentre estes, sobre o bullying, demonstraram ter conhecimento prévio sobre o assunto, foram capazes de construir textos escritos sobre a temática abordada e fizeram algumas narrativas de experiências vividas por eles em sala de aula. Observou-se também riqueza de vocabulário oral, escrito e seqüência lógica. Além dessas habilidades, manifestaram domínios do uso do computador interagindo positivamente com alguns objetos educacionais.

Dialogando, portanto, com os estudantes foi possível observar por parte destes, compreensão quanto às formas de convivência, manifestações de hostilidades, de solidariedade, de dependência e de autonomia nas diversas situações de interação com as pessoas de seu convívio expressando “figuras significativas” dentro e fora da escola.

Todas as potencialidades observadas nos estudantes foram repassadas, durante reunião com a Equipe Multidisciplinar e Núcleo Gestor, onde se refletiu sobre os aspectos analisados de maneira a não culpar nenhum segmento pela situação, mas encontrar soluções para melhorar a situação de aprendizagem dos estudantes.

Ficou firmada como encaminhamento, a organização de reuniões sistemáticas com os pais dos estudantes como forma de fortalecer o vínculo com as famílias para que estas passem a compreender a função que tem a escola na educação dos filhos. Outro encaminhamento foi feito em relação à inserção das atividades do NAPE na proposta pedagógica da escola aprimorando seu projeto político pedagógico (PPP).

As intervenções com os estudantes significaram um salto qualitativo para o NAPE porque resultaram na disseminação de sua proposta às outras modalidades de ensino. Este tipo de atividade já faz parte da rotina da equipe, porém devido haver uma grande rotatividade de estudantes e professores na escola, devem ser permanente, principalmente quando o foco é nas necessidades dos aprendentes.

Vale destacar que as intervenções contribuíram também para desmistificar a ideia estereotipada em relação à deficiência e ao trabalho realizado pela equipe multidisciplinar do NAPE. As interações construídas resultaram no fortalecimento das ações desenvolvidas pela equipe em relação ao processo de inclusão escolar. Em se tratando dos educandos, o espaço gerou



oportunidades para reavaliarem suas crenças, rever suas posições, serem desafiados cognitivamente e promover condições de construção de conhecimento.

As hipóteses relativas ao baixo desempenho dos estudantes e indisciplina na sala de aula podem ser observadas pelos parâmetros limitados de cognição social, de privação cultural e de experiências mediatizada de aprendizagem inadequada.

### **Considerações finais**

Uma avaliação psicopedagógica das pessoas com deficiência ou com dificuldades na aprendizagem implica na remoção de barreiras das formas de conceber o processo de avaliação. Na avaliação tradicional se avalia o resultado do processo e o critério é medido pela nota existindo um perfil a ser alcançado pelo estudante. Caso não se encaixe dentro deste perfil, fica reprovado e automaticamente é segregado do processo. Luckesi critica esse tipo de avaliação que se baseia na medida, no ato de verificar se algo está certo ou errado. Faz-se necessário ampliar o olhar envolvendo todos os segmentos. Nesse novo cenário todos participam, todos avaliam e são avaliados. Assim todos assumem co-responsabilidade diante do processo avaliativo.

A atuação do NAPE na escola contribui significativamente nesse processo, pois através de sua equipe de profissionais e do conhecimento pode planejar e coordenar atuações psicopedagógicas baseadas no contexto educacional concreto, como aconteceu através deste trabalho. O papel do NAPE deste modo é de assessorar, informar e orientar no âmbito psicopedagógico dentro da escola respondendo as demandas de quem elabora, em caso específico neste estudo, da direção e professores.

Ao conduzir as atividades com os estudantes dos 6<sup>os</sup> e 7<sup>os</sup> anos, foi possível estabelecer uma aproximação com as outras modalidades da escola, ampliando a relação com a direção, professores, estudantes e famílias. A experiência abriu caminhos para o aprimoramento do projeto pedagógico da escola tornando-o um projeto único e com foco numa intervenção sistemática de avaliação que reconheça o público alvo da educação especial ou com dificuldades de aprendizagem, que muitas vezes, são prejudicados por falta de uma proposta coerente a sua realidade.

Dialogar com os estudantes foi o pontapé inicial de uma avaliação que não se encerra aqui, mas pretende ser psicopedagógica, haja vista que através das falas dos estudantes foi possível, observar e analisar os contextos vividos, buscando principalmente explorar suas potencialidades, aliviando os traumas causados pelos sintomas.





A intervenção junto aos aprendizes provou que o sistema de avaliação necessita urgente ser modificado. Não podemos carregar o “fardo” de uma avaliação tradicional no qual o ensino não dá atenção a diversidade e nem apresenta assessoramento psicopedagógico como recurso educacional (Sánchez, 2008). É preciso criar condições ou modelos de intervenções que ajudem as crianças e jovens a desenvolver seus processos intelectivos de maneira sadia. Oferecer uma educação de qualidade deve ser o compromisso das escolas, das famílias e principalmente do poder público.

É preciso identificar as diversas habilidades dos educandos, habilidades estas que muitas vezes são desvalorizadas pela escola, gerando prejuízos no desenvolvimento global dos estudantes. A escola precisa, portanto, se reinventar para atender as diversas demandas dos estudantes. Só através da formação permanente dos gestores e professores é possível diagnosticar a aprendizagem dos educandos e traçar um plano com estratégias de intervenção condizente com a realidade social dos estudantes.

### **Bibliografia**

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Saberes e práticas da inclusão: recomendações para a construção de escolas inclusivas. 2 ed. Coordenação geral SEESP/MEC. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

COLL, C. e outros (org.). Desenvolvimento psicológico e educação. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: ArtMed, 1991.

FONSECA, Vitor da. Introdução as dificuldades de aprendizagem. 2ª edição. rev. aum. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

\_\_\_\_\_. Cognição, neuropsicologia e aprendizagem. 4ª Ed. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VYGOTSKY: Uma perspectiva histórico-cultural da educação / Teresa Cristina Rego. – Petrópolis, Rj: Vozes, 1995 – (Educação e conhecimento).

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MELCHIOR, M.C. 1994. Avaliação pedagógica: função e necessidade. Porto Alegre: Mercado Aberto.

SANCHEZ-CANO, Manuel. Avaliação psicopedagógica. Porto Alegre. Artmed, 2008.

SMITH, C. STRICK, L. Dificuldade de Aprendizagem de A a Z: Um guia completo para pais e educadores. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2001.